



TERRITÓRIO DE PARTILHAS: O ESTÁGIO COMO LÓCUS DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Elizabeth Aparecida Duque Seabra
Paula Cristina Silva
Rosiane Ribeiro Bechler
Simone de Paula dos Santos*

RESUMO:

Este artigo apresenta o projeto de extensão “Território de Partilhas”, o qual se constitui como espaço de integração entre ensino, pesquisa e extensão, a partir da troca de experiências entre os diversos atores e instituições responsáveis pela realização dos estágios supervisionados, no âmbito das licenciaturas da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades (FIH), da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Atualmente, a proposta se materializa por meio de um conjunto de encontros online, impostos pela suspensão das aulas presenciais e marcados pelas experiências presenciais já existentes, esses encontros estão voltados para a promoção do diálogo e deslocamento entre os sujeitos e espaços envolvidos nas experiências do formar-se e fazer-se professor/a. Essa proposta encoraja o atravessamento entre as fronteiras dos conhecimentos da área das Humanidades e a aproximação entre a Universidade, a Escola e outros espaços educativos, traçando novos contornos para esse território pelo qual transitamos: a formação docente.

PALAVRAS-CHAVE: Formação Docente. Estágio Supervisionado. Extensão. Interdisciplinaridades.

ABSTRACT:

This article presents the extension project "Território de Partilhas", as a space for integration between teaching, research and extension, from the exchange of experiences between the various actors and institutions responsible for carrying out supervised internships of the Faculdade Interdisciplinar de Humanidades (FIH) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Currently, the proposal involves online meetings, imposed by the suspension of face-to-face classes due to Coronavirus Pandemic. These meetings are aimed at promoting dialogue and displacement between the subjects and spaces involved in the experiences of graduating and becoming a teacher. This proposal encourages the crossing between the frontiers of knowledge in the humanities area and the approximation between the University, the School and other educational spaces, tracing new contours to this territory through which we transit: teacher training.

KEYWORDS: Teacher Training. Supervised Internship. Extension. Interdisciplinarity.

* Professoras adjuntas da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

Introdução

Sobre este território¹

O projeto de extensão “Território de Partilhas”² é uma iniciativa de docentes³ envolvidos com os estágios supervisionados e práticas curriculares das licenciaturas da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Campus JK-Diamantina. Ante o ineditismo dos desafios atravessados neste contexto pandêmico, acarretado pela covid-19, pretendeu ser um espaço de acolhimento, escuta e elaboração coletiva de caminhos para a orientação de estágios supervisionados "entre telas e janelas".

Ao assumirmos a perspectiva de que a formação docente é um percurso contínuo e orgânico, no qual múltiplos sujeitos transitam entre os espaços da escola e da universidade, objetivamos construir um lócus no qual possamos potencializar, em perspectiva interdisciplinar, as reflexões sobre os tempos, espaços, saberes e sujeitos envolvidos no circuito formativo para a docência na Educação Básica. Nesse sentido, ao longo dos sete primeiros meses de articulação desta ação de extensão, consolidamos como objetivos: 1) ressignificar os processos formativos vinculados aos estágios supervisionados e às práticas curriculares, considerando-se a articulação interdisciplinar entre atividades de ensino, pesquisa e extensão; 2) construir um espaço de diálogos e partilhas sobre as experiências na trajetória da formação inicial e da atuação na Educação Básica, considerando as linhas comuns que atravessam e costuram identidades docentes das diferentes licenciaturas ofertadas pela FIH, a partir das redes estabelecidas na configuração desse espaço; 3) atender às demandas curriculares das licenciaturas da FIH, promovendo experiências que contribuam para as trajetórias da

¹ Este artigo é uma versão estendida do resumo apresentado no IV Congresso Nacional em Educação, realizado em setembro/2021 na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, em modalidade remota.

² Para conhecer mais sobre o projeto, acesse o *Instagram* (@territorio.ufvjm) e o canal no *youtube* (#maishumanasufvjm). O “Território de Partilhas” está registrado no Sistema Integrado de Extensão e Cultura (SIEXC), Edital 03/2021, da Pró-reitoria de Extensão e Cultura da UFVJM, sob o número de inscrição: 202103000055.

³ Além das autoras desse artigo, também encontram-se envolvidos com a proposta as/os professoras/es: Edelweiss Gysel, Cláudio Marinho, Clebson Santos, Sandro Santos, todos vinculados a Faculdade Interdisciplinar em Humanidades da UFVJM. Recentemente vincularam-se ao projeto a Profa. Célia Santana, da Universidade Estadual da Bahia e o Prof. Júlio César Costa, do Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais. Há também um grupo de discentes envolvidos diretamente com a proposta, como: Lucas Rodrigues de Oliveira, Jaqueline Sayonara Vieira, Janaína dos Santos Ferraz, entre outros. E desde janeiro/2022, o projeto conta com o apoio de um discente bolsista, Ivis Alan Pereira Soares.

formação acadêmica e atuação docente na Educação Básica; 4) ampliar as conexões deste território no acolhimento dos egressos da FIH, com a construção de vias para idas e vindas dos sujeitos envolvidos com os processos formativos na e para a Educação Básica; e 5) integrar gestores de escolas, analistas educacionais, pedagogas/os, secretárias/os de educação - entre outros - ao debate acerca da realização de estágios supervisionados nas Escolas de Educação Básica, do ponto de vista da implementação de políticas educacionais e do ponto de vista da normatização que regulamenta a realização de ações formativas na Educação Básica.

Para alcançar tais objetivos, desde março de 2021, docentes da área de ensino dos cursos de Geografia, Letras, História, Pedagogia e Licenciatura em Educação do Campo, reuniram-se para organizar dois Ciclos de Encontros Integrados do Território de Partilhas: no I Ciclo de Encontros foram realizados 8 encontros e no II Ciclo foram realizados 6 encontros, incluindo um seminário discente de troca de relatos de experiências e projetos de estágio supervisionado e práticas curriculares.

Interloquções e perspectivas teóricas

De acordo com Jorge Larossa Bondía, “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (2002, p.21), ou seja, aquilo que profundamente, nas dimensões ética e estética, nos trans-forma. Na toada dessas reflexões, o “Território de Partilhas” se orienta pela potência do que compreendemos como *circuito formativo*, ou seja, o deslocamento entre sujeitos e lugares na promoção de uma formação docente orientada pelo binômio experiência e sentido (BONDIA, 2020).

Um circuito pode significar uma linha fechada que limita uma superfície, um espaço. Mas, na formação docente, um circuito pressupõe uma trajetória, mover-se de um lugar ao outro, transitando por aprendizagens e buscando em diferentes espaços e na interlocação com diferentes sujeitos, saberes necessários à construção da identidade docente, entendida como uma prática social no sentido que lhe atribui Silva (2006) marcada por dimensões de poder e inseparável dos processos de alteridade. O sujeito em formação, está, nessa perspectiva, em constante deslocamento entre a Escola e a Universidade, espaços formativos por excelência, e entre a teoria e a prática, que são significadas diante das problemáticas que emergem nesse circuito e da reflexão que se faz sobre elas. Se para Pimenta (2004), o estagiário é um pesquisador reflexivo, para

nós, ele é, antes de tudo, um nômade. Nos termos de Paul Zumthor (2005), o sujeito nômade carrega, ao longo de sua(s) trajetória(s), sua voz, seus aprendizados, sua presença, sua capacidade de levar consigo seu território e de fundir-se a outros territórios que lhe são apresentados. Importante destacar que, neste circuito formativo, docentes e discentes se assumem como sujeitos em constante movimento de formação, ainda que se encontrem em diferentes tempos da sua relação com a docência.

Nesse sentido, o “Território de Partilhas” se configura em um espaço-tempo de trocas de saberes e vivências entre sujeitos que se entregam ao nomadismo inerente à formação docente. Sujeitos que reconhecem, na trajetória do circuito formativo, uma possibilidade de elaborar sua identidade acadêmico-profissional e, ao mesmo tempo, ampliar territórios de atuação e formação, partilhando-os. Arriscamos dizer que o “Território de Partilhas” é também um espaço para o atravessamos de fronteiras, fortalecendo o diálogo entre os cursos que compõem a Faculdade Interdisciplinar em Humanidades e sua relação com a comunidade externa à Universidade.

Porém, nem só de nomadismo vive o estagiário. É no período de permanência na escola, mesmo que de forma remota, que o estagiário se apropria de saberes e ferramentas para o ensino e a aprendizagem dos conteúdos que apreende na licenciatura. O verbo apropriar nos parece mais adequado, sobretudo a esse contexto de ensino remoto, porque pressupõe “tomar para si” conhecimentos até então pouco explorados e transformá-los em formas de interação educacional. Isso porque docentes e estagiários, durante a pandemia, viram-se, abruptamente, diante de uma realidade que impunha uma formação urgente e efetiva, a qual pudesse garantir, mesmo que minimamente, os vínculos e a continuidade do processo de ensino e de aprendizagem dos estudantes da educação básica. Foi necessário a elaboração de uma passagem/uma brecha para ir do presencial ao remoto e continuar os projetos de formação docente referenciados na autonomia dos sujeitos educativos.

Há mais de duas décadas as pesquisas sobre o que são os saberes docentes, referência fundamental a nossa proposta, apontam que eles vão muito além da transmissão de informações canônicas referendadas nos conteúdos curriculares prescritos. Na trama de saberes interagem sujeitos plurais, memórias, experiências e práticas em movimentos peculiares e diferenciados (MIRANDA, 2008). O docente, assim como qualquer indivíduo, se posiciona como sujeito complexo no jogo cultural

da contemporaneidade, confrontando, negociando, resistindo, recriando, apropriando-se do que lhe é apresentado e compondo um repertório próprio de saberes e práticas.

É importante destacar também o imbricamento apontado pela literatura entre formação de professores(as) e condição docente. Nóvoa (1997) e Tardif e Lessard (2005) teorizam sobre a dimensão da “produção de saberes” como parte constitutiva do trabalho docente. Para Nóvoa (1997, p.18) é na formação que se produz a profissão e essa formação articula o desenvolvimento pessoal (vida do professor), o desenvolvimento profissional (profissão docente) e o desenvolvimento organizacional (produzir a escola). Tardif (2005) por sua vez indica que os “conhecimentos e competências” dos professores podem constituir-se apenas em “instrumentos e tecnologias”, entretanto, o trabalho da docência possui características peculiares (interação humana) que o diferencia das formas de trabalho com objetos materiais e técnicas e, ainda, daqueles que lidam estritamente com o conhecimento e a informação.

Maurice Tardif não abre mão de “categorias mediadoras” do trabalho docente: o trabalho considerado como atividade, *status* e experiência. O autor nos leva a pensar que o trabalho docente pode ser compreendido como expressão do saber pedagógico e ao mesmo tempo fundamento e produto da atividade docente. É uma dimensão criadora e complexa da prática pedagógica. Em outro cenário de pesquisa, o pesquisador português Antônio Nóvoa (1997, p.18) reafirma que a formação docente, tanto em sua dimensão acadêmica quanto profissional, não está dissociada da reflexão sobre a profissão docente.

A formação de professores(as) é o momento-chave da socialização e da configuração profissional. Nóvoa, historiando a profissão, indica ainda que foi a partir de fins dos anos 1980 que surgiram, no âmbito da pesquisa sobre a formação e a profissão, perspectivas crítico-reflexivas que propõem dinâmicas de autoformação participada dos professores, articulando o desenvolvimento pessoal e projetos coletivos de escolas (coletivo docente). Estabelece-se um estatuto próprio para os saberes da experiência e relações entre o saber, as experiências e a identidade docentes.

A noção de experiência, que também orienta nossa proposta e encontra fundamentada em Larossa Bondía (2002), mobiliza uma pedagogia interativa e dialógica e um novo quadro de produção de saberes em redes de (auto)formação que considera as subjetividades dos sujeitos formador/formando. Nesta experiência subjetivadora do

fazer-se professor(a), estabelece-se um novo quadro de referência para a formação com a afirmação de valores próprios à profissão docente. Destacam-se os saberes emergentes da prática profissional, a socialização profissional e o desenvolvimento de uma nova cultura própria aos professores(as) constituídos em um corpo autônomo (NÓVOA, 1997, p. 26).

Mediante essas referências teóricas e da compreensão de que a formação docente envolve uma rede de sujeitos circulantes em espaços internos e externos à Universidade, o Território de Partilhas configura-se como uma ação extensionista que promove a aproximação teoria/prática pela conversão do ensino em investigação, e desta em ação, de maneira articulada ao desenvolvimento de experiências permeadas de sentidos para sujeitos discentes e docentes envolvidos neste circuito formativo. Nesse contexto, os estágios supervisionados e as práticas curriculares oferecem subsídios para traçarmos um novo quadro analítico sobre os saberes e fazeres docentes, no qual articulam-se conceitos, teorias, e modelos em novos esquemas explicativos e interpretativos (MIRANDA e RESENDE, 2006 p.511) para a compreensão do formar-se e fazer-se professor/a. Promover e investigar esse circuito formativo implica também em reconhecer que os estudantes de licenciatura, durante os seus processos de formação, são capazes de se constituírem de modo autônomo no plano cognitivo e cultural. Não são simplesmente receptores de programas e propostas, por melhores e mais bem-intencionadas que sejam. Também não são dominados, menores, com déficits, pobres em recursos e capital cultural. Propor e analisar práticas formativas nas quais os pesquisadores estão implicados diretamente nas ações, provoca tensões e ambiguidades já que se criam territórios e fronteiras entre um “olhar de fora” para compreender e um “estar dentro” dos processos de socialização. Ser participante e ao mesmo tempo recolher dados. O “saber-pensar de fora” e o “saber-fazer de dentro” se encontram e devem provocar a reflexibilidade. E esse é o movimento ao qual nos abrimos com este projeto, certos de que a prática educativa é radicalmente dialógica, na qual a docência não existe sem a discência, e vice-versa (FREIRE, 2014).

Se a realidade própria da língua é dialógica, nos termos que nos apresenta o filósofo Mikhail Bakhtin, segundo o qual “a interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.” (BAKHTIN, 2002, p. 123); se a formação docente deve ser

pensada em relação à profissão docente (NÓVOA, 1997), de forma dialógica; se a noção de experiência (LAROSSA, 2002) se fundamenta em uma pedagogia interativa e dialógica, que considera a subjetividade do professor; o “Território de Partilhas” é, por excelência, um projeto que preconiza o diálogo entre o “saber-pensar de fora” e o “saber-fazer de dentro”, num constante rompimento de fronteiras, em que os sujeitos se apropriam dos diversos saberes e transitam nos espaços formativos. Aprendendo sobre suas permeabilidades, e reconhecendo condicionantes externas e internas, visto que a escola básica e a universidade são sistemas ou culturas que se colocam em uma sociedade com clivagens ligadas à economia de mercado e políticas de exclusão social.

Caminhos trilhados

A proposta do “Território de Partilhas” está organizada em Ciclos de Encontros Integrados realizados semestralmente e organizados pelos(as) docentes e discentes que integram a equipe do projeto, considerando o plano de ensino e a transversalidade dos temas abordados no tocante à formação docente. Os/as convidados/as para esses encontros apresentam suas experiências e/ou reflexões sobre o tema proposto e dialogam com as questões colocadas pelos participantes. Os encontros são realizados quinzenalmente pelo *Google Meet* e disponibilizados pelo Canal da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades “Mais Humanas”, do *Youtube*, enquanto durar o ensino remoto durante a pandemia. Passando o contexto pandêmico, pretendemos alargar nosso território, promovendo encontros e oficinas presenciais na Universidade e na Escola, mas sem excluir o uso dos recursos e espaços virtuais.

Entre março/maio de 2021 realizamos o I Ciclo de Encontros Integrados, e abordamos temáticas como: O estágio como momento de aprendizado e reflexão – comparações entre o estágio presencial e o remoto; Reflexões sobre o estágio remoto; Entre os sujeitos - qual o lugar do professor da Educação Básica no Estágio Supervisionado?; Entre os espaços - A experiência da Escola Moderna no despontar do século XX: poderia a escola ser outra?; Narrativas de si - como a reflexão pode ser uma estratégia de formação?; Desafios de uma Educação para as Relações Étnico Raciais ; Educação do Campo e para o Campo; Cultura Digital. BNCC e Formação Docente - quais conhecimentos priorizar?; Os desafios de aprender a ler, interpretar e

elaborar narrativas em salas de aula da Educação Básica; Currículo e Avaliação: desafios, polêmicas e tensões.

Nesta etapa contamos com um público médio de 25 participantes, sendo que a presença foi maior nos encontros realizados pelo Google Meet do que naqueles em formato de “lives”. Nos formulários de avaliação os participantes indicaram a importância deste espaço no qual, além do diálogo com os convidados, encontravam-se com colegas de graduação de outros períodos/disciplinas. Nesse aspecto cabe ressaltar que os encontros no qual se observou maior presença e interação foram aqueles que reuniram duas ou mais turmas acompanhadas pelos docentes responsáveis, dinâmica que foi adotada como pré-requisito para organização do II Ciclo. Também se observou a participação externa de docentes e discentes, que vinham “acompanhar” seus professores que estavam na condição de convidados. Outro aprendizado que fica é quanto ao extenso número de encontros realizados esse semestre e que ao final se somaram a outras demandas do período remoto, prejudicando a participação de maneira mais efetiva.

De posse desse balanço, planejamos o II Ciclo de Encontros Integrados, realizado entre julho e setembro/2021, com diálogos em torno dos seguintes temas: Formação Docente em contexto pandêmico: orientações e reflexões sobre as práticas possíveis; Formação e Condição Docente: práticas em tempos remotos; Tecnologias na Educação e para a Educação: perspectivas para o ensino; Entre telas e janelas: reconfiguração dos espaços e tempos das aprendizagens; Reflexões e Escritas sobre as experiências do Estágio Supervisionado.

Contamos, ao longo dos encontros do I e II Ciclos, com a presença de gestores/as, professores/as da Educação Básica, discentes e egressas/os das licenciaturas da FIH, além de professoras/res do Ensino Superior de outras instituições. Nesta segunda etapa, realizada pelo Google Meet com exceção da mesa de abertura, tivemos um público médio de 40 participantes por encontro. Fechamos nosso II Ciclo com um Seminário Discente, no qual pudemos ouvir as experiências dos estágios supervisionados e das práticas curriculares das/os estudantes da Letras, Geografia, Educação do Campo, História e Pedagogia. As reflexões registradas ao longo desse período de interlocução apontam para o lugar fundamental da escuta e das trocas sobre as experiências de inserção no espaço escolar, que se mostraram ainda mais

desafiadoras no contexto remoto. Do lugar de professores/as orientadores/as, ouvimos de alguns estudantes que nos encontros do Território de Partilhas eles percebiam que “eram gente como a gente”, compartilhando desafios próprios à profissão docente, na qual, em breve, seremos colegas. É essa horizontalidade, que não desconhece as diferentes etapas formativas e o acúmulo de saberes dos múltiplos sujeitos envolvidos neste circuito de formação para a docência, que marca a potencialidade deste território de encontro, acolhimento, escuta, diagnóstico, fortalecimento e ação.

O público-alvo diretamente impactado por esse projeto são os estudantes das licenciaturas da FIIH matriculados nos estágios supervisionados e nas disciplinas com carga horária de práticas curriculares, assim como professores e professoras em diferentes espaços de atuação e etapas de formação. Indiretamente, são beneficiados também os demais estudantes nas diferentes etapas do curso, que já contarão com um espaço consolidado para o debate sobre a formação docente, assim como os discentes e comunidade escolar da Educação Básica, impactados pelo amadurecimento reflexivo e pela proposição de práticas pedagógicas em sintonias com as demandas sociais e curriculares.

Nesse momento (outubro/2021), o coletivo de docentes e discentes do Território de Partilhas está organizando o III Ciclo de Encontros Integrados que tem por desafio refletir sobre estratégias seguras e empáticas de para reinserção dos estudantes no espaço escolar.

Horizontes para expansão de fronteiras

Candau (2016) aponta que existem, nos sistemas educativos em nosso país, “experiências insurgentes” que abarcam outros paradigmas escolares relacionados à forma de organização curricular, aos espaços e tempos, ao trabalho docente, às relações com as famílias e comunidades. Salienta, ainda, as práticas coletivas “a partir de um conceito amplo e plural de sala de aula (...), mas essas experiências permanecem periféricas, não são adequadamente visibilizadas, nem fortemente apoiadas” (p. 807). Entendemos que a escola, ao mesmo tempo em que reproduz as desigualdades econômicas e sociais, pode ser vista também como lócus de processos de

ARTIGO

transformação e emancipação social. Nessa direção, o projeto que ora apresentamos visa dar visibilidade e fomentar partilhas entre a Educação Básica e o Ensino Superior, na busca de identificação e construção de experiências educativas que potencializem os sentidos de fazeres docentes transformadores, atendendo, assim, a demanda necessária e contínua de aproximação e diálogo com as culturas da escola (BENITO, 2008) e destas com as demandas sociais, objetivando a promoção de uma formação docente orientada por experiências sensíveis e dialógicas em sintonia com o tempo presente.

Pretende-se, ainda, contribuir para o que Antônio Nóvoa (2017) denomina "profissionalização da formação docente". O autor reforça a importância de, no percurso da formação inicial, diminuir distâncias entre a escola e a universidade, entendendo como fundamental estratégias formativas voltadas para o preparo, o ingresso e o desenvolvimento continuado do profissional docente. Nessa perspectiva, a qualificação da formação dos estudantes das licenciaturas da FIIH é o eixo estruturante e objetivo central das ações previstas pelo Território de Partilhas. Além disso, os discentes das "disciplinas anfitriãs", também atuam na acolhida e preparo de perguntas que serão orientadoras do debate juntos aos convidados do encontro integrado. Deslocando-se, assim, do lugar de ouvintes para o de interlocutores nos processos dialógicos de partilhas e construção de saberes com membros da comunidade externa.

De acordo com Paulo Freire (2014, p.28) "Ensinar não se esgota no "tratamento" do objeto ou do seu conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível." Já estabelecemos como consenso que a formação docente não tem início no curso de licenciatura, tão pouco se encerra com a obtenção do diploma. Os saberes que compõem o repertório docente no cotidiano da sala de aula são impregnados das diferentes experiências e vivências cumulativas e angariadas em múltiplos espaços. A aposta que fazemos aqui recai justamente sobre a potencialidade de uma formação dialógica em espaços-tempos mais alargados e horizontais, ancorados no que Paulo Freire denominou de ciclo gnosiológico, ou seja, o deslocamento entre os saberes advindos da curiosidade ingênua para a problematização dos saberes confrontados e apreendidos pela curiosidade epistemológica.

Nesse sentido, "ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: o em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o em que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente. A “docência” - docência-discência - e a pesquisa, indicotomizáveis, são assim práticas requeridas por esses momentos do ciclo gnosiológico”. (FREIRE, 2014, p.30).

Mediante essas reflexões, entendemos que esse projeto abarca as dimensões de ensino, pesquisa e extensão, e destaca-se pela proposição de diálogos transversais e transdisciplinares, demarcando outras fronteiras para se pensar e realizar a formação inicial docente. Essa territorialidade, orientada por outras relações de sujeitos-espacos-tempos, promove o ensino e a pesquisa a partir das questões advindas das experiências nas escolas e no interior da comunidade aprendente que se pretende constituir (BRANDÃO, 2005).

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M.M./ V.N.Voloshinov. A interação verbal. In: _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Veira. 10. ed. São Paulo, Hucitec, 2002
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Comunidades Aprendentes. In: FERRARO Jr., Luiz Antônio (org.). **Encontros e Caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005.
- CANAU, Vera Maria Ferrão. **Cotidiano escolar e práticas interculturais**. Cadernos de Pesquisa. V. 46. N. 161. P. 802-820. Jul/Set. 2016.
- ESCOLANO, Agustín Benito. La cultura de la escuela. Uma interpretación etnohistórica. In: MAINER, J. (Ed). **Pensar criticamente la educación**, Zaragoza, Prensas UNIZAR, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 49ª. Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2014
- LAROSSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.
- MIRANDA, M.G. RESENDE, A. C. Sobre a pesquisa-ação na educação e as armadilhas do praticismo. **Revista Brasileira de Educação**. v.11,n.33.set./dez.2006, p.511-518.
- MIRANDA, Sônia Regina. Lugares de memória, espaços de formação: elos invisíveis na constituição do conhecimento histórico de professores. In: ZAMBONI, E. e FONSECA, S.G. **Espaços de formação do professor de história**. Campinas, Papirus, 2008. p.261-280.
- NÓVOA, Antônio. Entre a formação e a profissão: ensaio sobre o modo como nos tornamos professores. **Revista Currículo sem fronteiras**, v. 19, n. 1, p. 198-208, jan./abr. 2019.
- _____. Os professores e o “novo” espaço público da educação. In: TARDIF, Maurice. LESSARD, Claude. **O ofício de professor: história, perspectivas e desafios internacionais**. Editora Vozes Limitada, 2017. 6ª. Edição, 1ª, reimpressão.
- REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: a experiência da micro-análise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- SILVA, Mônica Martins. O estágio supervisionado em História como espaço de experiências de Ensino e Pesquisa. In: GIL, Carmem Zeli de Vargas; MASSONE, Marisa Raquel. **Múltiplas vozes na formação de professores de História: experiências Brasil-Argentina**. Porto Alegre: EST Edições, 2018: p.83-106.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche: a poética e a política**. BH: Autêntica, 2006.
- TARDIF, Maurice. LESSARD, Claude. **O ofício de professor: história, perspectivas e desafios internacionais**. Editora Vozes Limitada, 2017. 6ª. Edição, 1ª, reimpressão.
- _____. **O trabalho docente: Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis: Vozes, 2005. p.15-54.